

Zonas de sacrifício e injustiças ambientais: uma reflexão sobre os impactos da pandemia

Sacrifice zones and environmental injuries: a reflection on the impacts of the pandemic

DOI:10.34117/bjdv7n7-087

Recebimento dos originais: 07/06/2021

Aceitação para publicação: 06/07/2021

Lourdes Brazil dos Santos Argueta

Doutora em Ecologia Social *¹

Universidad Federal Fluminense

Calle Passo da Pátria, 156, Niterói, RJ, Brasil

lourdesbrazils@gmail.com

Silvia Elena Olazábal Toledo (PT) 2

Doutora em Educação

Universidad de Sancti Spíritus, José Martí. Cuba

Sustentablesolazabaltoledo@gmail.com

Irma Zitacuaro

Doutoranda em Desarrollo Regional

El Colegio de Veracruz (El COLVER)

izitacuaro@yahoo.com

Pedro Alfredo Kibinda Kuassa

Doutorando em Economia

Universidad Federal Fluminense

Calle Passo da Pátria, 156, Niterói, RJ, Brasil

pedro-kuassa@hotmail.com

Pascoal Paulo Jorge

Mestrando em Engenharia Civil

Universidad Federal Fluminense

Calle Passo da Pátria, 156, Niterói, RJ, Brasil

(Autor de correspondência)paulopascoaljorge@gmail.com

Carlos Cesar Gonzalez de Luna

Mestrando em Geografia

Universidade Federal Mato Grosso do sul- Campus de três Lagoas

Av. Cap. Olinto Mancini, 1662 - Jardim Primavera, Três Lagoas - MS, 79600-080

Karloscgonzales@yahoo.com.br

RESUMO

A doença causada pelo novo coronavírus exigiu uma série de intervenções para reduzir a transmissão do vírus e a rápida evolução da pandemia. A doença vem afetando cada vez mais, um número muito elevado de pessoas, impondo novas regras e hábitos sociais, à população mundial. As informações sobre às questões de biossegurança como medida de prevenção da disseminação da covid- 19 , estão constantemente na mídia. Por outro lado, as questões econômicas, políticas e de saúde vêm sendo também incorporadas aos debates e seus impactos permitindo que se tenha uma visão holística sobre estratégia de confronto e possibilidade de superação. A escolha do tema, objetiva à reflexão sobre os chamados espaços urbanos segregados, também chamadas de Zonas de Sacrifício, presentes na maioria das cidades latino-americanas. O presente artigo apresenta as implicações das condições de vida na ocorrência de grandes contaminações em casos letais; Alguns dos impactos sociais e psicológicos e sugiro algumas mudanças que precisam ser implementadas em termos de políticas de urbanização e destaco como as universidades podem ser um espaço importante para criar estratégias de compreensão do quartão urbano, apesar dos ataques que esta instituição tem sofrido. , tais como: investido com privatização, redução de dois recursos, substituição de suas instalações, continua sendo um importante espaço de reflexão e criação de novas estratégias.

Palavras-Chave: Covid 19, Zona de Sacrifício, Pandemia.

ABSTRACT

The disease caused by the new coronavirus required a series of interventions to reduce virus transmission and the rapid evolution of the pandemic. The disease is increasingly affecting a very large number of people, imposing new rules and social habits on the world population. Information on biosafety issues as a measure to prevent the dissemination of covid- 19 is constantly in the media. On the other hand, economic, political and health issues have also been incorporated into the debates and their impacts, allowing for a holistic view of the confrontation strategy and the possibility of overcoming them. The choice of theme aims to reflect on the so-called segregated urban spaces, also called Sacrifice Zones, present in most Latin American cities. This article presents the implications of living conditions in the occurrence of major contamination in lethal cases; Some of the social and psychological impacts and I suggest some changes that need to be implemented in terms of urbanization policies and highlight how universities can be an important space to create strategies to understand the urban quarter, despite the attacks that this institution has suffered. , such as: invested in privatization, reduction of two resources, replacement of its facilities, continues to be an important space for reflection and creation of new strategies.

Keywords: Covid-19, sacrifice zone, pandemic .

1 INTRODUÇÃO

Desde que as autoridades chinesas alertaram a Organização Mundial da Saúde - OMS em 31 de dezembro de 2019 sobre a ocorrência de uma série de casos de pneumonias, de origem desconhecida, ou algo que passou a ser debatido em todo o mundo, cercado de muitos inquéritos Em relação à identificação, origem, formas de

transmissão, tempo de sobrevivência pelo corpo, período de incubação, tempo de transmissão e propagação, mais principalmente questões sobre quais são as estratégias sérias para prevenir ou contornar as formas de tratamento. Ou surgiu o debate a partir da declaração em 11 de março de que era uma pandemia.

Desde então, as questões econômicas, políticas e de saúde vêm sendo incorporadas aos debates e seus impactos em nível local e global, pois os desafios a serem enfrentados. Pensar sobre impactos e desafios é importante, pois permite a elaboração de estratégias de confronto e possibilidades de superação.

Escolhi para reflexão os chamados espaços urbanos segregados, também chamadas de Zonas de Sacrifício, presentes na maioria das cidades latino-americanas. Esses locais são constituídos pelas faixas de áreas urbanas, ocupadas por uma população pobre, esvaziadas por essas localidades no âmbito do processo de urbanização, implementado ao longo do século XX e que se intensificou a partir das primeiras décadas do século XXI, como projetos de Revitalização urbana no contexto das cidades globais. Uma das marcas desses locais são as injustiças ambientais e também o que se conhece como “desastres lentos”, ou seja, “desastres invisíveis”, que se desenvolvem ao longo do dia, dia a dia, que ocorrem maneira dissimulada. A pandemia do covid 19 fez emergir abruptamente desastres, que é a maior incidência de casos de poluição e mortes.

Neste artigo discuto: as implicações das condições de vida na ocorrência de grandes contaminações em casos letais; Alguns dos impactos sociais e psicológicos e sugiro algumas mudanças que precisam ser implementadas em termos de políticas de urbanização e destaco como as universidades podem ser um espaço importante para criar estratégias de compreensão do espaço urbano, apesar dos ataques que esta instituição tem sofrido. , tais como: investido com privatização, redução de dois recursos, substituição de suas instalações, continua sendo um importante espaço de reflexão e criação de novas estratégias

Como Universidade, acreditamos que temos um papel inevitável a assumir. Um papel, naturalmente, a partir do trabalho de pesquisa realizado por acadêmicos, fornecendo evidências, mas também um papel social: servir e atuar como um espaço de debate de ideias. Chile

Minhas reflexões foram construídas com base nas contribuições teóricas de Acserald, Maricatto, Bordieu e Santos, levando em consideração o processo de urbanização, o conceito de injustiça ambiental e o papel das universidades. Essas contribuições produziram pistas, apenas pistas. Isso ocorre porque mais contribuições são

necessárias de autores como Rinkevicius (2000) e Beker (2000). Ou primeiro aponta para a situação de "dupla falésia" que corresponde à conjugação e superposição de duas falésias da pobreza e duas falésias tecnológicas. para compensar os novos rochedos produzidos pela modernidade na industrialização técnico-científica. " Esses dois autores podem contribuir para a compreensão das avarias de impacto de longo prazo.

2 ZONAS DE INJUSTIÇA AMBIENTAL E SACRIFÍCIO: O REVERSO DA URBANIZAÇÃO

As origens do conceito de injustiça ambiental podem ser identificadas nos movimentos sociais nos Estados Unidos e na mobilização de parte de seus cidadãos pobres e grupos vulneráveis por sua maior exposição aos riscos ambientais por viverem próximos a depósitos de resíduos químicos e radioativos ou de indústrias com efluentes poluentes.

Ao estudar o tópico, Acserald et. al (2009) mostram como a injustiça ambiental está relacionada ao deslocamento de populações de locais revitalizados para locais que, além de apresentarem déficit em serviços e equipamentos urbanos, também apresentam elevados níveis de poluição ambiental. Esses locais também são chamados de zona de sacrifício, expressão que define as áreas que recebem uma concentração de práticas ambientalmente agressivas que atingem populações de baixa renda. Muitos lugares são chamados de zonas de sacrifício, isso porque:

“Não é um conceito técnico nem uma categoria legal, portanto, não existem parâmetros para qualificar“ objetivamente ”um local como“ zona de sacrificio ”. Trata-se de uma categoria social e política em construção, que serve para denunciar - e tentar reverter - uma situação eticamente inadmissível: a existência de locais cujos habitantes parecem ter sido condenados a viver em ambiente gravemente poluído, o que implica, direta ou indiretamente, uma violação de seus direitos mais básicos. " (FOLCHI; 2020: 30)

Esses locais são escolhidos para abrigar empresas com alto potencial poluidor, sem serem obrigadas a cumprir a legislação ambiental vigente nos diversos níveis de governo. Apesar disso, ou por essa razão, esses locais são escolhidos para receber populações deslocadas de suas casas em decorrência de intervenções no espaço urbano, gerando inúmeros problemas socioambientais, caracterizando injustiças ambientais.

A injustiça ambiental está associada a questões de distribuição desigual de dois benefícios e preconceitos. De acordo com Acserald, trata-se de:

“Um conjunto de situações que se caracterizam pela distribuição desigual do poder numa base material da vida social e do desenvolvimento, decorrente principalmente da apropriação elitista do território e de dois recursos naturais, na concentração de dois benefícios beneficiados pelo meio ambiente e exposição desigual dos população à população e anos custos ambientais de desenvolvimento. ” (Acserald et al., 2009).

Um exame do processo de urbanização na América Latina mostra que existem dois espaços apropriados com melhores condições de vida para as elites, com os pobres sendo expulsos e mantidos fora dessas áreas. Em outras palavras, os espaços de injustiça ambiental são resultado da forma como as cidades se desenvolveram e da produção do espaço geográfico no desenvolvimento do capitalismo. Em cada uma de suas etapas, foram criadas formas características de organização (segregação e exclusão).

É importante ressaltar que a segregação socioespacial consiste na divisão do espaço urbano entre integrados (incluídos) e não integrados (excluídos), sendo percebida com maior clareza nas grandes cidades, pois estas, além de se concentrarem em um maior número de indivíduos, tornam mais explícitas acentuou a forma desigual com que o espaço é apropriado pelas classes sociais. Nesse sentido, a segregação socioespacial existente nas cidades é indicativa de que as premissas, dentro da arquitetura urbana, são previamente estabelecidas e desigualmente adequadas (LIBERATO, 2007, pp. 16-17).

Bordieu (1997) e Santos (1978) discutem em seus trabalhos como a organização do espaço reflete e ao mesmo tempo condiciona a organização da sociedade. Numa sociedade de classes, como no capitalismo, as cidades apresentavam a mesma hierarquização social. A cidade capitalista é desigual e o processo de urbanização criou e aprofundou desigualdades e injustiças, que podem ser identificadas pela presença de espaços desiguais, divididos por fronteiras invisíveis e ao mesmo tempo visíveis: há o “centro” e a “periferia”; as zonas "alta" e "baixa", as zonas "leste" e "oeste", e outras divisões físicas que se revertem em formas de exclusão social, cultural e econômica. Existem desigualdades nas cidades na maioria dos países do mundo em desenvolvimento. Em outras palavras, espaços de injustiça ambiental ou áreas de sacrifício são uma realidade que pode ser vista em diferentes países.

O processo se intensificou na década de 80, mas se intensificou a partir do início do século 21 com o advento das cidades globais.

3 CIDADES GLOBAIS, COMPETITIVIDADE URBANA E GENTRIFICAÇÃO

A origem do conceito de cidade global está diretamente relacionada aos impactos causados nas metrópoles do Primeiro Mundo pelo processo de globalização da economia,

desencadeado desde o final dos anos 70. As transformações na economia mundial teriam levado a uma crise do centralidade econômica dessas metrópoles, que perderam o controle das atividades industriais, pelo fato de as empresas responsáveis por elas, favorecidas pelo desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e informação, passarem a ter maior agilidade na escolha dos locais de menor custo para sua sede.

A principal característica desse momento foi o estabelecimento de uma nova relação entre cidades e metrópoles globais, não estas últimas que se transformaram em mercados de commodities, que disputavam investimentos globais.

Figura 1 - Cidades e metrópoles globais



No contexto das novas relações globais cidade-metropolitana, os processos de revitalização urbana passam a ser a estratégia mais importante para a construção da competitividade. Sassen (2000); Pinto (2006); Vale (2007). Os projetos de revitalização provocaram gentrificação em larga escala. Para ser oferecida no mercado global, uma cidade precisa apresentar uma série de características e serviços que possibilitem a reprodução do capital, tais como: Capacidade de comunicar e transmitir dados para todo o mundo, mercado de trabalho altamente qualificado, sistema produtivo de insumos altamente especializados e tecnologias financeiras avançadas, organizações complexas que servem de base para processar informações e tomar decisões sobre o fluxo de capital, ambiente inovador e qualidade de vida urbana para as novas camadas profissionais do ensino superior avançado. Esta adequação implica em processos de gentrificação.

3.1 GENTRIFICAÇÃO E A AMPLIAÇÃO DAS ZONAS DE SACRIFÍCIO

A gentrificação não é um fenômeno novo. suas origens remontam aos anos 60⁷⁰¹ Estudos realizados na década XXX mostram como ela se concretiza e através das

alteração das dinâmicas da composição do local, tal como novos pontos comerciais, destruição de equipamentos obsoletos e construção de novos edifícios, implicando na valorização da região. Tal valorização é seguida de um aumento de custos de bens e serviços, dificultando a permanência de antigos moradores, devido à insuficiência de renda para arcar com os preços dos bens e serviços locais.²

Impossibilitados de permanecerem em seus locais de moradia, são obrigados a ocupar novos espaços, distantes de onde viviam, muito deles, zonas de sacrifício, nos quais impera um alto nível de injustiça ambiental. Há uma farta produção sobre este fenômeno.

Em condições normais, a situação desses moradores é pesada e tensa, pois a situação pandêmica se torna mais difícil, causando impactos do ponto de vista sanitário, social e psicológico.

Essas condições de vida são:

“... Dificuldade de acesso a serviços e infraestruturas urbanas, tais como: transporte precário, saneamento deficiente, drenagem inexistente, dificuldade de abastecimento, dificuldade de acesso a serviços de saúde, educação e saúde, maior exposição à ocorrência de enchentes e colapsos etc. Há menos oportunidades de emprego (particularmente emprego formal), menos oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso para lazer. A lista não tem fim”. Maricato (2003;

Acrescente-se ainda que a grande maioria está empregada em negócios de baixa renda, vivendo em moradias densamente ocupadas e lidando com pequenos negócios.

Todas essas condições formam um quadro favorável à disseminação da Covid-19, caracterizando ou que pode ser considerada como injustiça sanitária. A segregação e a exclusão vão mostrar sua face mais dura, que pode ser mais intensa nos períodos médio e longo, devido ao quadro de declínio econômico projetado para a América Latina, por isso precisa ser discutido.

4 ZONAS DE SACRIFÍCIO, INJUSTIÇA SANITÁRIA E OS IMPACTOS

Não há distinção entre ricos e pobre em relação ao contágio pelo vírus. Ele ataca a ambos os grupo. A diferença está no combate, pois as condições materiais de vida, inserção precária no mercado de trabalho, falta de infraestrutura de saúde e falta de acesso a informações deixa os pobres, moradores das áreas segregadas em condições desvantajosas. Uma pesquisa publicada no jornal El país intitulada Os Mapas da Pandemia Revelam a Desigualdade na América Latina. Publicada em 04.08 mostrou,

através dos dados de contágio das cidades de São paulo, Cidade do México, Bogota y Argentina como a covid 19 se intensificou nas áreas pobres e densamente povoadas, ou seja nas areas de injustiças ambientais. Aqui pode-se constatar a exposição desigual de um grande percental da população não só à poluição e aos custos ambientais do desenvolvimento, como também a uma doença. Se as elites se apropriaram dos espaços que oferecem melhores condições de vida; os pobres “se aprpriaram” dos locais com piores condições de vida. Também pode-se constatar o que Bordieu(1997) y Santos(1978) discuten a manifestação das desigualdades sociais no espaço urbano. É no espaço urbano que as desigualdades podem ser percebidas, afirmam. Em tempos de crise, como a provocda pela pandemia essas desigualdades e seus impactos se tornam mais visíveis. Pelo mens cinco fatores contribuíram para a injustiça sanitária:

O primeiro fator são as condições de moradia - com casas, que não possuem ventilação adequada, com um numero elevado de pessoas vivendo juntos.

O infectologista e coordenador do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Ceará (UFC), Ivo Castelo Branco explica que, como o H1N1 e a dengue, a alta densidade demográfica, a baixa ventilação dos espaços, a lotação das casas e a precariedade sanitária são fatores para uma disseminação maior e pouco controlável. Há uma aglomeração doméstica constante e que se intensifica no horário noturno, quando dormitórios são compartilhados por muitos.

O segundo fator é a impossibilidade de ficar em casa – A impossibilidade afeta a maioria, seja os que estão no mercado formal de trabalho ou no informal. em ambos casos são inserções precárias não lhes permite ficar em casa.

O terceiro, são as dificuldades de adquirir os produtos que permitam uma efetiva higienização, num contexto de diminuição da renda.

O quarto é a precariedade dos serviços de saúde ou mesmo inexistencia – Existem poucos serviços de saúde, com falta de pessoal e leitos

E por ultimo temos um fator que passou a ser discutido após a publicação de uma pesquisa realizada pela Unversidade Federal de São Paulo, que mostrou como os transportes coletivos se constituem em foco de disseminação do vírus e e as pessoas da periferia passam muitas horas no interir dos mesmos, contaminando-se e contaminando seus familiares.¹

¹ Levantamento feito pela Unifesp cruzou dados de mortes na capital com o perfil dos usuários do Metrô. Segundo pesquisador, análise confirma percepção de que os mais pobres são os mais atingidos.

A conjugação desses fatores contribui para que nas periferias o vírus se propagasse com maior intensidade, como também que ele fosse mais letal, gerando impactos sociais e psicológicos.

Os impactos sociais referem-se ao aumento das vulnerabilidades, devido em grande parte ao comprometimento da renda das famílias, provocado pelos seguintes fatores: desemprego, fechamento dos micro negócios, impossibilidade da realização de atividades autônomas e falecimento dos idosos provedores

Os impactos psicológicos referem-se aos danos provocado por diversas situações, como: choque das mortes de parentes e vizinhos, desemprego, interrupção de projetos de vida e incerteza em relação ao futuro.

Evidentemente outros impactos ocorrerão a curto, médio e longo prazos, que deverão ser identificados posteriormente.

5 CONCLUSÃO

As reflexões mostraram que nos espaços segregados, também denominados zonas de sacrifício os moradores sofreram de forma mais intensa a devastação da COVID-19. Mostrou também que eles sofrerão impactos que poderão se estender por gerações, considerando que tiveram suas rendas comprometidas e projetos de vida interrompidos.

Diante dessas (in)certezas há que se discutir, de forma mais intensa, e ampliada os rumos da urbanização na América Latina. Possivelmente a quantidade de projetos de revitalização decrescerão, considerando o contexto da economia mundial. Contudo alguns se efetivarão, sendo necessário algumas mudanças. A disputa por investimentos das cidades globais, por parte das metrópolis, não pode priorizar somente as necessidades de reprodução do capital. Também há que haver mecanismos que mantenham a população nos locais revitalizados. Ou seja impedir a gentrificação A pandemia mostrou como isso foi prejudicial.

Promover tais mudanças é um dos grandes desafios pós-pandemia, pois ela se dará com a elaboração de novas políticas de urbanização, construídas através do estabelecimento de uma nova relação entre as cidades globais e as metrópolis. Alcançar isso depende de questões políticas e econômicas, cujo equacionamento é complexo, mas extremamente necessário. Em certa medida podemos afirmar que este será o desafio para que as barreiras invisíveis da cidade sejam superadas.

Concluindo, Considero que no interior das universidades podem ser gestadas medidas para a construção de novas cidades através da produção de conhecimentos, inserção da temática urbana no conteúdos dos diversos cursos e nas atividades de extensão .

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H; MELLO, C. C. A.; BEZERRA, Gustavo das Neves Bezerra. O que é justiça ambiental. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

Acsehrad, H. Sentidos da sustentabilidade urbana. In: ACSELRAD, H. (Org.). 2001 Aduação das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A, p.27-55 Bourdieu, P., & Champagne, P. (1998). Os excluídos do interior. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 217-227.

Maricato, E. (1996). Metr pole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência (Vol. 10). Editora Hucitec.

Metr pole, legisla o e desigualdade Estud. av. vol.17 no.48 São Paulo May/Aug. 2003

Santos, M. (2005). A urbaniza o brasileira (Vol. 6). Edusp.

SANTOS, M. Por uma outra Globaliza o: do pensamento único a consciência universal. 13  edi o. Rio de Janeiro: Ed Record, 2006. _____ . Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emo o. 3  edi o. São Paulo: Hucitec, 1999.

http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/reconstrucao-nacional/2016/4/21/Angola-regista-niveis-urbanizacao-acima-continente,07e1260b-3740-4d31-860f-cc90c4b9587e.html

[http://www.cidadessustentaveis.org.br/habitat-iii-terceira-conferencia-das-nacoes-Programa de Reducción de Riesgos y Desastres, Unidad de Redes Transdisciplinarias, Vicerrector a de Investigación y Desarrollo, Universidad de Chile \(2020\). Position Paper "Los territorios que habita\(re\)mos:  Qu  futuro existe para las zonas de sacrificio?". Position Paper N 1, Serie Desastres Socionaturales. Santiago, Chile: Universidad de Chile.](http://www.cidadessustentaveis.org.br/habitat-iii-terceira-conferencia-das-nacoes-Programa de Reducción de Riesgos y Desastres, Unidad de Redes Transdisciplinarias, Vicerrectoría de Investigación y Desarrollo, Universidad de Chile (2020). Position Paper)